

# A EXPERIENCIA DA PROCURA DE TRABALHO: um estudo sociológico <sup>1</sup>

(Resultado de Investigação Finalizada)

GT 18- Reestructuración productiva, trabajo y dominación social

Priscila Pereira Faria Vieira

## Resumo

Partindo de uma revisão da literatura da Sociologia do Trabalho, Sociologia do Desemprego e Sociologia Econômica esta apresentação pretende argumentar a relevância de enfrentar a procura de trabalho como um objeto de estudo, tanto pelas novas configurações do fenômeno do desemprego quanto pela escassez de estudos sobre esse tema. O segundo alvo deste texto é apresentar um eixo de achados da pesquisa empírica realizada no Centro da cidade de São Paulo, tratando de uma situação de procura de trabalho e seus principais processos micro- sociológicos.

**Palavras-chave:** desemprego, emprego, procura de trabalho.

## Apresentação

Ainda que o interesse acadêmico pelo tema do desemprego seja crescente, pouca atenção tem sido dedicada à questão da busca de ocupação. Tal perspectiva importa não apenas porque a existência da procura é a variável definidora da condição de desempregado, mas por se tratar de um objeto relevante que, conquanto pouco estudado, desvenda muito sobre o mundo do trabalho hoje. Essa comunicação é fruto de um estudo que pretende, por isso mesmo, argüir da pertinência sociológica de se tomar a procura de trabalho como um objeto em si. No esforço de avançar no entendimento desse objeto, tal pesquisa se dedicou a analisar a experiência da procura de trabalho. A relevância dessa abordagem pode ser argumentada tanto através da ausência de trabalhos desse tipo na produção acadêmica quanto pelas interessantes e importantes questões que ela permite analisar. Pretende-se chamar a atenção para a relevância do tema da procura de ocupação no campo temático das ciências sociais que se preocupa em analisar o trabalho e os fenômenos ligados a ele.

Através de revisão de bibliográfica, o texto trata da procura de trabalho, destacando como um fenômeno socialmente relevante num contexto marcado pelo desemprego pode ser tornado um problema de pesquisa, constituindo-se em um objeto pertinente por preencher lacunas analíticas que persistem na produção acadêmica da sociologia.

Além da revisão de literatura, o artigo apresenta um eixo de achados analíticos da pesquisa empírica que partiu dessa reflexão, aquele que diz respeito aos processos microsociológicos da procura de trabalho.

---

<sup>1</sup> Versão resumida do artigo “À procura de trabalho: a pertinência de um novo objeto” aprovado para publicação na Revista Contemporânea (UFSCar), apresenta resultados da dissertação de mestrado “A experiência da procura de trabalho: um estudo de caso” (Vieira, 2009).

## **Do desemprego à procura de trabalho: revisitando a literatura**

Ainda que o esforço aqui realizado seja o de argumentar em favor da procura de trabalho como um objeto em si, é inegável que ela é parte constitutiva do fenômeno do desemprego, tanto no que diz respeito às medidas e estatísticas, quanto no que diz respeito à vida dos desempregados. Tradicionalmente o desemprego é definido como ausência temporária de trabalho que deve vir associada à procura regular de atividade ocupacional. É a procura de trabalho que normativa e administrativamente diferencia um trabalhador desempregado de uma pessoa inativa, constituindo-se, portanto, na variável fundamental da construção das taxas de desemprego e atividade. Por ser uma das variáveis definidoras da condição da situação de desemprego, a busca de ocupação já seria objeto analítico suficientemente relevante.

Entretanto, ainda que a procura de trabalho seja, via de regra, tratada apenas como dimensão constitutiva das medidas de desemprego, é preciso ressaltar que pode haver busca de emprego mesmo por parte de trabalhadores empregados. Ou seja, independentemente da condição de desemprego ou de ocupação, ela constitui um processo social em si mesmo. Aquele que busca uma oportunidade ocupacional, seja ele desempregado ou não, é o demandante de trabalho.

Se a procura de ocupação supõe, na imensa maioria dos casos, a ausência de trabalho - ainda que, como argumentado, também possa ser movida pelo desejo de encontrar um trabalho melhor-, não é descabido começar a refletir sobre a mesma tomando a porta de entrada habitualmente empregada pela literatura no tratamento do tema, ou seja, o fenômeno do desemprego.

O desemprego passa a entrar na pauta do debate intelectual e governamental a partir do século XX, tornando-se uma questão social, de fato (Castel, 2005). A partir de 1930, quando o modelo neoclássico pareceu esgotar-se e a explicação keynesiana ganhou espaço, o desemprego passa a ser visto como uma falha do sistema econômico e como um risco à coesão social, surgindo assim o reconhecimento da necessidade de medidas de intervenção nos mercados por parte dos governos. Após a crise econômica mundial ocorrida entre os anos de 1929 e 1933, surgem as políticas de mercado de trabalho nos chamados países de economia desenvolvida. Essas políticas públicas de emprego<sup>2</sup> se desenvolveram lentamente na esteira da concretização do Estado de Bem Estar.

Porém, como Castel (2005) corretamente chama atenção, esse tipo de proteção ao desemprego baseou-se numa concepção de sociedade e de Estado que hoje estão, ambos, abalados. O desemprego, classicamente definido como uma situação transitória e ocasional nas trajetórias de trabalho tem se tornado um fenômeno inerente ao mercado de trabalho, especialmente quando emergem o desemprego de longa duração e o desemprego recorrente. Desse modo, ao longo do século XX, o desemprego tornou-se um problema social e um desafio intelectual. E, na esteira desse movimento, ele adquire também status de questão sociológica, segundo argumento de Castel.

Com a análise voltada para a Europa, Castel (2005) aponta uma mudança que levou a à passagem de políticas de integração para políticas que visam à inserção. As primeiras tentavam promover o acesso de todos aos serviços públicos e à consolidação da condição salarial. Já as políticas de inserção definem suas clientelas específicas e tentam reduzir a distância dessas em relação aos grupos considerados integrados. É importante destacar que não podemos dizer que a América Latina, incluindo o Brasil, experimentou ou esteja experimentando esse movimento de mudança drástica de políticas de integração para inserção, já que as primeiras nunca foram fortemente institucionalizadas por aqui e a sociedade salarial, a que se refere Castel, também apresentava aqui outros contornos, menos institucionalizada e mais heterogênea e informal (Cacciamali, 2005; Guimarães, 2002; Guimarães, Hirata, Montagner & Sugita, 2004).

---

<sup>2</sup> Para mais detalhes ver: Barbosa & Moretto, 1998; Cacciamali, 2005.

Na sociologia, por um longo período, o trabalho se constituía no tema analiticamente relevante; o desemprego era então apenas um tema marginal. Nas últimas décadas, porém, as sociedades vêm experimentando, e de forma acentuada, um conjunto de mudanças no mercado e nas relações de trabalho. Entre as mudanças mais destacadas pela literatura sobressaem: o acentuado aumento dos níveis e da duração do desemprego, a flexibilização das relações contratuais de trabalho, o aumento da terceirização e da subcontratação, a diminuição dos postos de trabalho para o operariado industrial tradicional, o crescimento dos postos na área de serviços e o aumento da elasticidade da demanda de trabalho, efeito da globalização nos mercados de trabalho. (Offe, 1989; Demazière, 2006; Maruani e Reynaud, 1993; Freyssinet, 1984; Antunes, 1999; Guimarães, 2004; Singer, 2000; Castel, 2005; Rodrik, 1997). Nesse mesmo período, houve um aumento significativo do interesse sociológico pelo tema do desemprego.

O mundo acadêmico, especialmente o europeu, passou se debruçar crescentemente sobre o fenômeno do desemprego. Identificou-se uma nova configuração do fenômeno, que se caracterizaria não só por seu aumento de volume – do número de desempregados – mas também pelo aumento do tempo de duração de tal situação, o “desemprego de longa duração” (Demazière, 2006; Maruani e Reynaud, 1993). Além disso, identificou-se que a trajetória profissional dos indivíduos passava a estar marcada, com frequência cada vez maior, pela recorrência do desemprego (Freyssinet, 1984; Guimarães, 2002). Assim, além de uma diversificação das modalidades de ocupação e de relações contratuais de trabalho, houve uma significativa ampliação do volume, da duração do desemprego, mas também das formas do desemprego. Este passa ser abordado não apenas como uma situação particular e transitória, mas como uma dimensão constitutiva do mercado. A importância da nova categoria social dos “desempregados de longa duração”, aliada à intensidade com que o desemprego se apresentava nas economias capitalistas, notadamente as européias continentais, até então mais caracterizadas pela proteção e regulação do trabalho, explicitou a ruptura donexo, antes “natural”, entre emprego e desemprego – o que constituía para aquelas sociedades uma grande novidade e um desafio. A saída do desemprego não se dava mais pela obtenção de um trabalho estável e protegido, mas abria caminho uma multiplicidade de formas de inserção e de utilização de trabalho. (Guimarães, 2002; Demazière, 1995).

O movimento que levaria do trabalho ao desemprego passou a ser crescentemente investigado. Na Europa, e especialmente na França, os autores se apropriam do desemprego como tema de pesquisa e como questão sociológica, reivindicando, inclusive, a pertinência de uma “sociologia do desemprego”. Para completar as abordagens estatísticas e fazer face ao tratamento econômico da questão, os sociólogos sublinhavam a importância de encarar o desafio de analisar a vivência do desemprego, incorporando a dimensão do vivido com respeito a esse fenômeno.

Desenvolveu-se uma série de trabalhos em torno da experiência subjetiva e moral do desemprego, retomando experiências precursoras como o estudo realizado em Marienthal por Lazarsfeld, Yahoda e Zeizel (1981) na primeira metade do século XX. Como resultado desses estudos, vários autores ressaltaram que essa série de transformações nas formas de trabalho determina uma profunda alteração nas formas de organização material e subjetiva da vida dos indivíduos que vendem ou têm a intenção de vender sua força de trabalho. Sabe-se com extensa literatura que o desemprego implica mudanças na organização do cotidiano, na utilização do tempo, e que envolve sentimentos de injustiça, vergonha e estigmatização social, entre outros efeitos de natureza social, moral e subjetiva (Lazarsfeld, Yahoda e Zeizel, 1981; Ledrut, 1966; Demazière, 1995, 2003, 2006; Antunes, 1999; Demazière, Guimarães e Sugita, 2006; Sennett, 2003; Castel, 2005). Porém, à medida que cresceu o interesse pelo movimento que leva do trabalho ao desemprego, o movimento contrário, de retorno ao trabalho foi pouquíssimo explorado e menos ainda a experiência subjetiva da procura de trabalho.

A procura de trabalho é fundamental ao delineamento das fronteiras entre desemprego e inatividade, mas, foi muito pouco explorada dentro dessa perspectiva que defende a pertinência de

tomar as fronteiras entre situações no mercado de trabalho como construções sociais e subjetivas. Ainda, conquanto que tenha havido um significativo esforço de analisar sociologicamente a construção da categoria de desempregado, a de demandante de trabalho só muito esporadicamente entrou na pauta desses debates.

Além disso, a construção social e cognitiva da figura do desempregado é indissociável da imagem da procura de trabalho, seja de um ponto de vista prático, seja de um ponto de vista analítico, já que é a procura o elemento chave a diferenciá-lo do inativo. Ainda mais, a procura representa um importante passo rumo à saída da situação de desemprego e, portanto, suas dinâmicas constitutivas e graus de eficiência são de extrema pertinência sociológica. Por fim, é também uma situação crucial do ponto de vista sociológico, pois é quando o indivíduo assume publicamente a condição de desempregado, incorporando tal classificação social e desempenhando uma determinada conduta social.

Pode-se dizer, por tudo isso, que, nos estudos sobre desemprego, é inescapável abordar, ainda que tangencialmente, a busca de ocupação. Entretanto, na maioria das análises produzidas pela sociologia do trabalho ela não é tomada como um objeto em si.

Há, no entanto, um esforço que foi no sentido contrário a esse, alguns estudos passaram do desemprego à procura de trabalho. É importante destacar, no âmbito da literatura internacional, o clássico estudo de Granovetter (1973,1974) sobre o papel das redes sociais no processo de obtenção de trabalho e, para o caso brasileiro, as recentes pesquisas de Guimarães (2009), que mostraram a complexidade do fenômeno da procura de emprego, apresentando características dos demandantes de trabalho e do mercado de intermediação brasileiro.

Retomando o argumento, seria pertinente tomar a procura de trabalho como um objeto de pesquisa e tratá-la como uma experiência social. Essa perspectiva da “experiência de procura” poderia ser bem desenvolvida através do recorte empírico das “situações de procura”. A noção de situação social está baseada nas elaborações de um conjunto de autores ligados ao que usualmente reconhecemos com o nome de interacionismo simbólico, especialmente nos autores George Mead (1952), Herbert Blumer (1969), Erving Goffman (1963, 1964, 1982, 1983, 1983-b, 1988, 1986, 2003) e Anselm Strauss (1979, 1988, 1999).

Partiu-se da ideia central de que a procura de trabalho é uma experiência social que se organiza segundo um variado repertório de situações socialmente construídas, as quais têm seus vocabulários e espaços cognitivos próprios. Situações, tal como aqui se entende, são episódios da vida pública, cotidiana e trivial. Nesses episódios ocorrem interações revestidas de lógica e de sentidos próprios ao contexto em que transcorrem; nelas se reconstrói cotidianamente a natureza dessa mesma situação. Segundo os autores citados, as situações sociais, enquanto unidades de análise sociologicamente significativas, são compostas por três elementos analíticos: i) o espaço em que transcorrem, ii) as interações sociais entre os atores e iii) as condutas sociais desses atores, tais como construídas nas interações sociais que ali se tecem<sup>3</sup>.

No trabalho aqui apresentado, seguindo a inspiração dos interacionistas, toma-se a situação social como unidade de análise, sabendo que esta é apenas uma dentre as muitas possíveis maneiras de recompor a experiência social. Como unidade de análise, cada situação social tem uma dinâmica própria e interna, que a torna uma unidade sociologicamente significativa; entretanto, por ser parte de uma experiência social mais ampla, mantém relações de contato com outras situações sociais e com dimensões macrosociológicas. A noção interacionista de situação social se mostrou relevante para a apreensão das representações sociais que estão envolvidas na procura de trabalho e de processos microsociológicos que compõe essa experiência, a qual é enfrentada pelos trabalhadores, nos dias de hoje, com maior frequência e por maiores períodos de tempo, como procuramos mostrar nesta seção.

---

<sup>3</sup> Para mais detalhes ver Vieira 2009, 2012.

Para alcançar esse objetivo, foi escolhido um caso de situação de procura: o cluster de intermediação de mão-de-obra do Centro da cidade de São Paulo, concentrado na Rua Barão de Itapetininga e adjacências, conhecido também como “rua do emprego”. A pesquisa qualitativa, baseada em entrevistas e observações, foi realizada entre 2005 e 2009.

A Rua Barão de Itapetininga fica no chamado Centro Novo, é um largo calçadão formado por três quarteirões. Só nessa rua existiam quase 30 agências de emprego. Se computarmos as agências sediadas no entorno esse número chegou a mais de 60 agências. Os prédios e galerias que sediam as agências tornam-nas quase invisíveis – não fosse pelo imenso número de plaqueiros que representam, na rua, a “cara” desses estabelecimentos – e, ao fazê-lo, imprimem uma dinâmica específica à procura de trabalho naquele espaço. Esse espaço é completamente tomado por pessoas à procura de trabalho, em sua grande maioria, jovens de classe baixa ou média baixa e com escolaridade média.

Além do espaço físico, os quatro tipos de atores analisados foram: demandantes de trabalho, funcionários das agências de emprego, plaqueiros e funcionários dos estabelecimentos que ofertam serviços correlatos à busca, o chamado mercado de condutas. Esses quatro grupos de atores foram entrevistados e observados sistematicamente agindo na situação estudada.

### **Alguns achados empíricos: os processos micro-sociológicos da situação de procura**

Ainda que o objetivo da procura de trabalho seja a obtenção de uma nova ocupação ou a re-inserção no mercado de trabalho, a vivência da procura está pautada por códigos, práticas, condutas e significados que provêm da esfera do trabalho, mas é igualmente tributária de outros códigos, práticas, condutas e significados que não necessariamente se desenvolvem nesta esfera, mesmo que possam revelar muito sobre ela. Os elementos sociais que regem a prática da procura ajudam a compreender o processo de convergência entre uma vaga de trabalho e um candidato, ou seja, o resultado final do encontro entre ofertantes e demandantes de emprego no mercado de trabalho.

Estudando a procura tal como vivida numa situação específica foi possível tornar visíveis e compreender melhor os processos micro-sociológicos que constituem essa experiência, assim como desvelar ao menos alguns dos constrangimentos, significados e sentimentos que a compõem, enquanto fenômeno que contempla uma dimensão do vivido que lhe é essencial.

Primeiro, é importante ressaltar o papel do espaço como variável que influencia na dinâmica das interações e que dá novas dimensões e significados à experiência da procura. A atividade da procura de trabalho pode ser, e muitas vezes é, espacialmente pautada. Isso não quer dizer simplesmente que a procura de trabalho se realiza num determinado espaço, mas que, na situação investigada, ela é diretamente influenciada pelo espaço em que se realiza. Esse território é configurado pelos usos sociais do espaço e cada ator tem uma forma de se apropriar dele. Ademais, ele é fluído, não é fixo e concretamente delimitado, abrigando e criando as condições de possibilidade para um conjunto de práticas e condutas razoavelmente articuladas e organizadas em torno da atividade da procura de trabalho.

Porém, o espaço é especialmente importante na experiência da procura de trabalho por mais algumas razões. Primeiro, pois se constituindo numa atividade, a procura de trabalho é circunscrita num tempo e num espaço. E o espaço é ainda mais importante à medida que se sabe que o mercado de intermediação é uma construção territorializada (Guimarães, 2009). Então, a procura de trabalho em agências na metrópole paulista é uma atividade circunscrita em determinados espaços do tecido urbano. Além disso, o próprio trabalho de campo pode comprovar que a procura no Centro da cidade é, não só uma experiência de natureza econômica, mas é também uma experiência urbana, uma experiência de deslocamento e de localização simbólica na cidade.

A maior parte das vagas ofertadas naquele território é intermediada pelas agências de emprego; elas estão no centro das iniciativas de procura naquele espaço. Além disso, a conduta do demandante de

trabalho é construída com base nas representações sociais difundidas por esse tipo de instituição e é construída para ser encenada dentro dela. As agências não são atores, no sentido interacionista do termo, mas núcleos concentradores de atores que interagem com outros a partir de seu lugar nessas instituições e com práticas e discursos pautados nas regras, códigos e representações próprios a cada uma delas. Os funcionários das agências são os atores que dão voz às representações dessas instituições e interagem com os demais atores em nome delas.

As agências de emprego que operam ali são espacialmente enraizadas e, majoritariamente, de pequeno porte. Muitas operam unicamente naquele espaço ou possuem, no máximo, mais uma filial. Essas agências pequenas operam com poucos funcionários, em média, menos de dez. Uma das especificidades daquele mercado de intermediação é que ele concentra principalmente informações sobre vagas de má qualidade e atrai especialmente demandantes jovens e pobres, os quais, diante da escassez de informações ocupacionais, se lançam numa procura pouco seletiva e urgente.

Os demandantes constituem o mais numeroso e variado grupo de atores que transitam naquele território e constituem a situação de procura de trabalho. Mais que isso, eles são, na verdade, o objeto primeiro do interesse de todos, já que são os principais clientes dos mercados que ali operam. É esse o ator que tem como objetivo encontrar um trabalho e que vive a experiência social da procura de trabalho, da qual aquela situação de procura é parte.

O estudo permitiu apontar que os demandantes de trabalho têm que desenvolver uma *performance* própria, a qual é composta por certas práticas e códigos. Essa forma de atuação típica se dá através de ações, gestos e discursos e constitui a “conduta do demandante do trabalho”. Ela será julgada e avaliada no processo de procura pelos funcionários das agências, sejam eles as recepcionistas, os selecionadores ou até os plaqueiros que ficam na rua divulgando as vagas e recolhendo currículos. Assim, essa *performance* é constituída em interação com os outros atores e dentro de uma dinâmica de interações relativamente articuladas e organizadas. A procura de trabalho é, nesse sentido, um processo interativo.

Dentro desse processo, o objetivo do demandante é a obtenção de um trabalho (o melhor trabalho possível do seu ponto de vista) e o preenchimento de uma dessas vagas que estão em jogo no mercado. Para tanto, ele tem um longo percurso interativo a fazer e, nele, lhe cabe construir uma *performance* convincente.

No caso do demandante, a manipulação das informações que constroem sua imagem, ou seja, sua conduta, é especialmente importante, pois determina sua relação com os outros atores, mas pode também determinar seu sucesso ou fracasso na obtenção de trabalho, retomando o argumento de Goffman. Porém, essa conduta, ao mesmo tempo em que é constituída de um conjunto de códigos, é também flexível e permite negociações e re-interpretações por parte dos atores sociais, assim como a manipulação de informações, no qual se esconde aquelas que podem ser negativas e ressalta as que podem ser positivas. Para manipular positivamente suas informações, o demandante de trabalho tem que saber qual é a *performance* esperada do “bom candidato”, o que eles nem sempre sabem e por isso encontram dificuldades no seu processo de busca.

A procura de trabalho também é um processo de julgamento e avaliação. A interação entre demandantes e funcionários das agências é completamente pautada pelo julgamento dos primeiros pelos segundos, o que configura uma interação regida pela diferença e desequilíbrio dos papéis sociais. Esse julgamento se dá a partir de critérios que os selecionadores elegem como legítimos e que, os demandantes podem desconhecer. Alguns desses critérios são independentes dos pré-requisitos específicos a cada tipo de vaga: boa apresentação de si (tanto através do currículo quanto da aparência física), boa capacidade de expressão oral, domínio da língua culta, capacidade de elaborar opiniões e construir argumentações, além de juízos fortemente subjetivos e de difícil aferição comparativa numa situação de concorrência como “força de vontade”, “determinação”, “pró-atividade”, “comprometimento”, “responsabilidade”, “segurança”, “iniciativa” e “liderança”.

Mas, quando não há partilha das regras e dos códigos que formam a base do léxico social de uma dinâmica de interação e dos critérios de julgamento, pode haver conflitos ou frustração de expectativas, pois aí pode se romper o “consenso operacional” (Goffman, 1988). No caso da procura de trabalho, quando o demandante não sabe o que os representantes do mercado de intermediação esperam dele ou quando não consegue encenar adequadamente essa conduta o que se frustra é a expectativa de obtenção de trabalho. Para o sucesso na procura não basta ao demandante preencher os pré-requisitos do mercado de trabalho como qualificação e experiência profissional, é preciso ter acesso às informações ocupacionais, que são escassas, há que dominar o conjunto de códigos e as práticas da procura, que é complexo e subjetivo, e é imperioso cumprir as expectativas dos outros atores econômicos em relação a ele. Essa incompreensão das expectativas ou a falta de domínio dos códigos da conduta do demandante é apontada pelos selecionadores como o principal problema dos processos de seleção e recrutamento; mais ainda, eles sugerem que essa é uma característica do perfil dos demandantes que acorrem ao espaço de procura estudado, geralmente jovens e provenientes de classes pobres, ainda que possam ter escolaridade média ou até superior. Como foi possível identificar nos relatos há realmente muitas incompreensões, por parte desses demandantes, a respeito do que se espera deles na busca, e como isso pode ser fator de insucesso nessa empreitada, gera-se ansiedade, insegurança e medo, sentimentos frequentemente associados à vivência dessa atividade.

É importante notar que, tanto através dos plaqueiros quanto através das recepcionistas, a princípio, a relação do demandante com a agência de emprego é mediada por um instrumento fundamental: o currículo.

Aqui cabe um parêntesis para tratar do que se identificou como “mercado de condutas”. Na situação estudada há um amplo conjunto de estabelecimentos comerciais que conforma um mercado em torno da procura de trabalho, oferecendo serviços que estão direta ou indiretamente relacionados à ela e tornam aquele lugar mais atrativo para as pessoas em busca de trabalho, tais como: confecção e cópia de currículos, *lan houses*, treinamentos na forma de cursos, médicos e advogados trabalhistas, entre outros; há inclusive, oferta de palestras e cursos sobre “como procurar trabalho”, tratando de temas como o que vestir e o que falar nessas situações. Esses estabelecimentos são característicos daquele território e têm os demandantes como clientes-alvo. Esse mercado mostrou-se importante para a análise da experiência da procura, pois dota os demandantes de instrumentos, qualificação e modos necessários a uma busca eficiente de trabalho; através da prestação desses serviços, lhes confere os códigos simbólicos e elementos materiais necessários à construção da “conduta de demandante de trabalho”. Os serviços do mercado de condutas dotam demandantes pobres e com pouca qualificação - e, às vezes, pouca ou nenhuma experiência de trabalho - daqueles conhecimentos, instrumentos e posturas requeridos para que se pleiteie entrar na competição por uma vaga. Pode-se apontar que aqui a construção das condutas sociais pode ganhar caráter mercantil. A busca e a própria composição da conduta de demandante de trabalho – com seu discurso, suas práticas e instrumentos próprios – são ali mercadejadas na forma de serviços. Tal construção passa crescentemente pela esfera mercantil, por um processo de compra e venda, constituindo aquilo que denominamos um “mercado de condutas”.

Além das interações com selecionadores e recepcionistas das agências, há uma outra interação, típica daquela situação de procura, e que se revelou capaz de interferir no curso do processo de procura, com potencialidade para determinar seu resultado final. Trata-se da interação entre plaqueiros e demandantes. Como as agências da situação estudada localizam-se dentro de prédios e galerias, naquele espaço faz-se uso maciço do trabalho de plaqueiros, também chamados “homens-placa”. Os homens-placa vestem coletes de plástico nos quais são divulgadas as vagas de trabalho intermediadas pelas agências. Eles são a “cara” das agências na rua e relevaram-se um personagem essencial ao funcionamento daquela dinâmica, pois podem também recolher currículos na rua, encaminhar demandantes para vagas, além de buscar ativamente candidatos de determinados perfis (Vieira, 2007, 2009 e 2012). Portanto, os demandantes podem, durante o processo de interação, fazer negociações

com os plaqueiros persuadindo-os a recolher um currículo que, a princípio, não preencheria todos os requisitos da vaga. Nesse processo simples, um demandante que estaria fora da concorrência por uma vaga, insere seu currículo nessa competição a partir de uma negociação com o homem-placa, e passa a ter chances de ser selecionado. A situação de procura também pode configurar um contexto de negociação (segundo conceito de Strauss, 1988) no qual vagas de trabalho e adequação de demandantes a essas vagas são negociadas, entre outros elementos<sup>4</sup>. A partir da análise das relações entre demandantes e funcionários das agências (receptionistas, selecionadores e plaqueiros), é possível afirmar que as diversas interações sociais, pela forma como transcorrem, ou seja pelo modo como são socialmente negociadas, podem determinar o resultado da busca ocupacional.

Um achado interessante da pesquisa é que, diante das incompreensões e falta de domínio dos códigos e da conduta que se espera de um “bom demandante”, pode haver, e muitas vezes há, uma busca ativa de informações a esse respeito. Busca-se “aprender” aquilo não foi socialmente incorporado. Isso porque a conduta do demandante de trabalho não é, como outros papéis sociais podem ser, socialmente incorporada ao longo da trajetória dos indivíduos. Não é na esfera do trabalho nem nas instituições de ensino que esses códigos são formalmente transmitidos. Esse conjunto de regras e práticas é apreendido em múltiplas dimensões da vida social do demandante, como família, amigos e meios de comunicação, livros e revistas,mas também pode ser incorporado, a partir de observações, no próprio processo de procura e, como acontece na situação investigada, virar alvo de serviços mercantis, como a elaboração de currículo, por exemplo. A construção da conduta social do demandante de trabalho é, portanto, múltipla e constante. É múltipla à medida que os códigos que a constituem são incorporados através da vivência de diversas situações e dimensões sociais, não só da situação de procura de trabalho; e constante porque a cada novo código incorporado há uma reconfiguração dessa conduta como um conjunto.

O mercado de trabalho, visto pela ótica daqueles que acorrem ao mercado de intermediação de mão de obra, é tratado como uma entidade misteriosa e distante, que é regido por códigos que os demandantes não dominam muito bem. Assim, mesmo que a importância do mercado de intermediação de mão-de-obra tenha aumentado tanto para as empresas, quanto para os demandantes, pode-se dizer que ele é um domínio que opera por a um novo conjunto de regras e códigos que escapam a esses últimos.

## **Considerações Finais**

A procura de trabalho é uma atividade que se desenvolve no bojo da esfera da economia, mas, como todo processo econômico, é permeado por relações e constrangimentos sociais. Para que, ao final, haja convergência entre um posto de trabalho e um candidato é necessário que os atores econômicos passem por um longo caminho de interações. A observação da prática da procura permitiu identificar que nessa dinâmica cada ator econômico tem uma função e um conjunto de práticas a ela relacionadas. Ainda mais, é possível reiterar que a operacionalização prática dessa convergência se dá através de inúmeros processos micro-sociológicos e deles depende, inclusive, o seu resultado final.

O processo econômico de procura de trabalho em instituições de intermediação é, se abordado por uma lente micro-sociológica, também um processo interativo, um processo de construção de condutas, um processo de julgamento, um processo de concorrência, um processo de negociação, um processo de aprendizagem de códigos, um processo de troca de informações ocupacionais e um processo de deslocamento e localização simbólica na cidade.

---

<sup>4</sup> Isso pode acontecer, embora com menor frequência, com outros funcionários das agências de trabalho, como, por exemplo, as receptionistas.



A análise qualitativa da situação de procura deixa entrever o longo caminho que por vezes tem que ser percorrido para qualificar-se como um bom demandante de emprego, ou seja, alguém apto a concorrer por uma vaga no mercado de trabalho e merecer essa vaga. Não tem nada de trivial ou natural nesse processo, como em nenhum outro processo econômico e social. Não basta estar desempregado, ou à procura de trabalho, para “naturalmente” ser considerado habilitado a ocupar uma vaga. Há um processo de legitimação do indivíduo enquanto demandante de trabalho; o curso deste complexo processo se dá exatamente durante a procura de trabalho.

#### 4. Bibliografia

ANTUNES, Ricardo Os sentidos do trabalho. São Paulo. Boitempo Editorial, 6ª edição, 1999.

BARBOSA, Alexandre de Freitas e MORETTO, Amilton. Políticas de Emprego e proteção Social. Coleção ABET – Mercado de trabalho, v.1. São Paulo. Associação Brasileira de Estudos do Trabalho – ABET, 1988.

BLUMER, Herbert. Symbolic Interacionism. Perspective and method, New Jersey. Prentice Hall, 1969.

CACCIAMALI, Maria Cristina. As políticas ativas de mercado de trabalho no Mercosul. Tipos, sínteses de estudos de avaliação e reorientação. Revista do Instituto de Estudos Avançados, vol. 19, no 55. pp. 85-104, 2005.

CASTEL, Robert. As metamorfoses da questão social. Petrópolis. Editora Vozes, 2005.

DEMAZIÈRE, Didier .La sociologie du chômage, Paris, Edition La Decouverte, 1995.

\_\_\_\_\_ Le Chomage : Comment peut-être chomeur ?, Paris, Belin, 2003.

\_\_\_\_\_ Uma abordagem sociológica sobre a categoria do desemprego. In: GUIMARÃES, N., HIRATA, H. (Org). Desemprego: trajetórias, identidades, mobilizações. São Paulo. Editora Senac, SP. pp. 25-42, 2006.

DEMAZIÈRE, Didier, GUIMARÃES, Nadya A., SUGITA, Kurumi. Unemployment as a biographical experience . In: KASE, K., SUGITA, K. (Orgs.) The Unemployed and Unemployment in an International Perspective: Comparative Studies of Japan, France and Brasil, Tokyo, The University of Tokyo Institute of Social Sciences, ch. 4, pp. 68-148, 2006.

FREYSSINET, Jacques. Le chômage, Paris, La Découverte, 1984.

GOFFMAN, Erving. Encounters: two studies in the sociology of interaction. Bobbs-Merril Company Inc, Indiana, 1961.

\_\_\_\_\_ Behavior in public places. Notes on the social organization of gatherings. Free Press. New York, 1963.

\_\_\_\_\_ The neglected situation. *American Anthropologist*, New Series, Vol. 66, part 3: the ethnography of communication, pp 133-136, 1964.

\_\_\_\_\_ Interaction ritual. Pantheon Books, New York, 1982

\_\_\_\_\_ A representação do eu na vida cotidiana, Editora Vozes, Petrópolis, 1983.

\_\_\_\_\_ The interaction order. American sociological Association, 1982 Presidential Address. *American Sociological Review*, Vol. 48, nº1, pp. 1-7, 1983-b.

\_\_\_\_\_ Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro. Editora Guanabara, 1988.

\_\_\_\_\_ Frame Analysis. Boston. Northeastern University Press, 1986.

\_\_\_\_\_ Manicômios, prisões e conventos. São Paulo. Perspectiva, 2003.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, Vol. 78, n. 6, pp.1361-1380, 1973.

\_\_\_\_\_ Getting a job – a study on contacts and careers. Cambridge, Harvard University Press, 1974.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Por uma sociologia do desemprego: contextos sociais, construções normativas e experiências subjetivas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, São Paulo, pp. 103-122, 2002.

\_\_\_\_\_ Caminhos Cruzados – Estratégias de Empresas e Trajetórias de Trabalhadores, São Paulo, Editora 34 e Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2004.

\_\_\_\_\_ À procura de trabalho. Instituições do mercado e redes. Belo Horizonte. Argvmentvm.

GUIMARÃES, Nadya; HIRATA, Helena; MONTAGNER, Paula; SUGITA, Kurumi. Desemprego – mercados, instituições e percepções: Brasil e Japão numa perspectiva comparada. *Tempo Social*, v.16, nº 2, São Paulo, pp. 257-287, 2004.

LAZARFELD, Paul; YAHODA, Marie; ZEIZEL, Hans. *Les Chômeurs de Marienthal*. Paris. Ed. De Minuit, 1981.

LEDRUT, R. *Sociologie du chômage*, Paris, PUF, 1966.

MARUANI, Margaret & REYNAUD, Emmanuèle. *Sociologie de l'emploi*. Paris, Éditions La Découverte, Collection Repères, n. 132, 1993.

MEAD, George H. *Mind, Self and Society*. Chicago. The University of Chicago Press, 1952.

OFFE, Claus Trabalho: uma categoria-chave da sociologia? Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 4, n. 10, junho de 1989, pp. 5-20, 1989.

RODRIK, Dani. Has globalization gone too far?. Washington, DC. Institute for international Economics, 1997.

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter – consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro, Record, 2003.

SINGER, Paul. Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas. São Paulo. Contexto, 2000.

STRAUSS, Anselm. Social worlds and spatial processes: an analytic perspective. Department of Social and Behavioral Sciences. University of California, San Francisco. Disponível em: <http://www.ucfs.edu/ansemstrauss>, 1979.

\_\_\_\_\_ Negotiations: Varieties, Contexts, processes and Social Order. Califórnia. Jossey Bass Publishers, 1988.

\_\_\_\_\_ Espelhos e máscaras. A busca da identidade. São Paulo. Edusp, 1999.

Tartuce, Gisela. Jovens na transição escola-trabalho. Tensões e intenções. São Paulo. Annablume, 2010.

VIEIRA, Priscila. O homem e a placa ou a placa e o homem: os homens-placa e a procura de trabalho no Centro. In: GUIMARÃES, N. À procura de trabalho: Instituições de intermediação e redes sociais na saída do desemprego. São Paulo numa perspectiva comparada, Relatório de Pesquisa, pp. 229-250. Disponível no site: [www.centrodametropole.org.br](http://www.centrodametropole.org.br), 2007.

\_\_\_\_\_ A experiência da procura de trabalho. Um estudo de caso. Dissertação de mestrado, Sociologia, Universidade de São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_ A experiência da procura de trabalho: interações, vivências e significados. São Paulo. Annablume, 2012 (no prelo).